

.....

Trauma de ser mulher? Versão masoquista do fantasma feminino e devastação

Maria Roneide Cardoso¹

Resumo

Retomemos nossos clássicos: a experiência central da psicanálise gira em torno da travessia do fantasma e, conseqüentemente, da confrontação com o impossível da relação sexual que ele reforça, nega ou tenta realizar. Avancemos: o fantasma feminino foi durante muito tempo confundido com o masculino, ou seja, o fantasma fundamental (individual) mascarava o que ele devia às sobre-determinações das conjunturas políticas e societárias. O que dizer do « trauma de ser mulher » em uma sociedade fundada há muito tempo sobre a clivagem masculina entre amor e desejo? Seria essa a origem do fantasma masoquista feminino e da miséria que essa clivagem engendra entre homens et mulheres?

Palavras-chave: *Trauma. Fantasma. Masoquismo. Clivagem. Relação sexual.*

Trauma d'être femme? Version masochiste du fantasme féminin et ravage

Résumé

Revenons sur nos classiques: l'expérience centrale de la psychanalyse tourne autour de la traversée du fantasme et, par conséquent, de la confrontation avec l'impossible du rapport sexuel qu'il renforce, nie ou tente de réaliser. Avançons: le fantasme féminin a été longtemps confondu avec le masculin, autrement dit, le fantasme fondamental (individuel) masquait ce qu'il devait aux surdéterminations des enjeux politiques et sociétaux. Qu'en est-il du « trauma d'être femme » dans une société depuis longtemps fondée sur le clivage masculin entre amour et désir? Serait-ce l'origine du fantasme masochiste féminin et de la misère que ce clivage engendre entre hommes et femmes?

Mots-clés: *Traume. Fantasme. Masochisme. Clivage. Rapport sexuel.*

.....

Conta a lenda que ser mulher para um homem é do registro de uma aflição e mesmo de uma devastação. Enquanto para ele, ela seria um sintoma, o que nem sempre é tranquilizador,

¹ Psicóloga e psicanalista. Membro da Association Lacanienne Internationale (Paris). Co-responsável do ciclo de conferências na Maison de l'Amérique latine (Paris). Mestrado em Psicopatologia e Psicanálise (Paris XIII). Mestrado em Letras, Literatura Brasileira (UFRGS-POA). Email: mrcardosogil@free.fr

nem tampouco evidente. Quanto ao que o homem é para uma mulher, Lacan usou o termo *Ravage*² que, em francês, evoca uma depredação da ordem de uma « terra arrasada », destruída. Ser « continente negro » não é tarefa fácil. Não é de se surpreender que muitas tomam gosto e aí se aplicam com esmero, outras tantas se recusam obstinadamente. Há também as menos aflitas. Quase todas amam, e não é também um acaso que o amor venha a tomar o lugar da falta e substituí-la imaginariamente. Mas o que isso tem a ver com o fantasma da mulher e com o trauma de ambos?

Uma das versões do fantasma feminino é uma espécie de resposta dolorosa e aflitiva ao trauma, masculino e feminino, da não existência da relação sexual³. O fantasma masoquista é uma porta de entrada, muitas vezes sem saída, para uma « outra cena » na qual, face ao desejo masculino, a mulher se confunde com um objeto sem imagem nem lugar na própria cena. Lacan o nomeou *objeto a*, como o que não tem representação possível e é apenas « um resto de gozo », dizia ele. Mas o fato curioso é que um dos destinos dessa versão é o de tomar a forma de um abjeto, de um aviltamento. Por que essa via de identificação faz com que uma mulher tome a falta como própria e a substitua pela falta, « nadificando » o ser e nidificando aí um lugar para existir como sexuada? Em nome de quê isso vira sacrifício?

A problemática do fantasma masoquista abre um leque, e mesmo uma avenida de questões sobre o dito « consentimento » feminino com atos de violência e de abuso sexual que lhe são destinados, grande embaraço do Direito. Consentiu ou não em ser usada, abusada, batida e estuprada? « Ser » confundida com um tal (a)bjeto pode até levá-la, confrontada à perversão masculina, ao feminicídio.

Nos casos mais prosaicos, entretanto, o « consentimento » também pode levar uma mulher a assumir uma *posição de abjeto* no fantasma masculino, o que não deixa de ser uma forma de devastação. A versão desse fantasma feminino seria traumática ou seria uma defesa

² «Si une femme est un sinthome pour tout homme, il est tout à fait clair qu'il y a besoin de trouver un autre nom pour ce qu'il en est de l'homme pour une femme, puisque le sinthome se caractérise justement de la non-équivalence. On peut dire que l'homme est pour une femme tout ce qui vous plaira, à savoir une affliction pire qu'un sinthome. Vous pouvez bien l'articuler comme il vous convient. C'est un ravage, même. » in Lacan J., *Le séminaire*, Livre XXIII, *Le sinthome*, Paris, Le Seuil, 2005, p. 101.

³ Não confundir o sexo com a relação sexual pois trata-se aqui de uma lógica na qual Lacan ressalta a falta de um significante que pudesse dar conta de um saber sobre o sexo. Ou seja, não há, na estrutura do sujeito, traço algum de um significante que pudesse fundar a relação sexual. Esse *signifiant manquant* é o Falo, que está fora do sistema, que torna assim o saber sobre o gozo sexual da ordem do real e radicalmente foracluído: o gozo não é simbolizado em lugar algum, nem tampouco simbolizável. Seminário XVI, *D'un Autre à l'autre* (1968-69), Paris: Seuil, 2006, Lição do 12-03-1969 e do 14/05/1969. Uma outra precisão de Lacan: a não existência da relação sexual é do registro de uma não inscrição, de uma *falha* estrutural no/do sujeito, em Radiophonie (1970), in *Autres Ecrits*, Paris: Seuil, 2001, p. 413.

contra o trauma, contra a confrontação com o real da inexistência da relação sexual⁴? Ela engendra um gozo sacrificial a ser nutrido em nome do amor. É como se um voto secreto encobrisse o desejo de inscrever o que por si só não cessa de não se inscrever, a relação sexual. « Mais um esforço... », como apontaria a injunção sadiana, ou « Mais, ainda », como interpretaria Lacan. Poderíamos dizer que o que resiste é o « index do infinito »⁵, enquanto modalidade matemática, no « resto de gozo » a preservar e a repetir. Seria a repetição do próprio impossível na estrutura, como veremos mais adiante.

O fantasma oferece assim alguns cenários e algumas variações para revivê-lo ou para negá-lo. O sintoma atualiza esse « resto de gozo » como pura repetição. Por que o lugar vivido da falta é investido como « terra arrasada », positivando a falha da estrutura de ambos, mas como sendo feminina? O que tamanha doideira tem a ver com o gozo feminino (e masculino)? Seria ela um signo de amor?

E se essa versão do fantasma feminino tivesse uma história pregressa que fosse também política, qual seria? E se o masoquista fosse também um fantasma masculino, como seria? Ou ainda, se esse fosse o « fantasma de uma época », de que ordem seria?

« Objeto a ou latoua, eis a questão »

É sempre bom começar pelo fim ou pelo avesso: pelo Impossível, definido pelo que « não para de não se inscrever » (Lacan). Como se para o sujeito dito humano a experiência do *objeto a* o confrontasse com um lugar de exílio para o qual ele não pudesse ir nem tampouco dele sair, não tivesse acesso a ele nem tampouco pudesse dele fugir, o que é próprio de sua irreducibilidade. O acesso a esse objeto não seria também possível senão de forma ex-tima, e não íntima como supõe e aspira o amor. Essa « ex-timidade » é resultante da sua heterogeneidade e de sua irrepresentabilidade, o que pode propiciar miragens vagas e imprecisas como as do amor. Mas por que essa experiência não seria uma devastação para ambos os sexos?

Tudo indica que as coisas estejam mudando com o novo mundo da era Digital do qual já fazemos parte. O filme *Her* (2014), de Spike Jonze, é neste sentido exemplar. O personagem Theodoro se apaixona por uma Voz, Samanta, um algoritmo criado por um novo sistema

⁴ Lacan encontrou uma astúcia: a formalização através de uma escritura. O Real seria assim passível de ser formalizado, escrito, sem que um conhecimento sobre ele pudesse ser constituído. Mas há um saber sobre a estrutura que o discurso analítico tenta resgatar: trata-se do impossível cujo nó central na experiência analítica é a confrontação com esse real, e o fantasma é a sua via de acesso.

⁵ Ver lição de François Récanati do 12/12/1972, Seminário XX, « Encore », de J.Lacan, site Staferla, p. 16.

operacional para encontros com parceiros virtuais *on line*. Não se trata de um robô ou de uma máquina, mas de uma inteligência artificial capaz de imitar emoções e de simular sentimentos, por exemplo, ela pode imitar a respiração e até mesmo o gozo sexual.

O tema central do filme é o do imaginário específico de um amor e, mais exatamente, da (im)possibilidade de amar. O foco é um universo fantasiado, o de Theodoro, no qual um amor virtual, efeitos da fala da Voz de Samanta, pudesse enfim vir a substituir um relacionamento amoroso real. A bolha na qual vivem os dois protagonistas é uma mistura de insustentável leveza do ser e de uma certa melancolização do amor, pois o que esse universo traz à tona são ao menos duas ideias escandalosas: 1) a de que não precisaríamos de um corpo, do corpo do outro, para gozar, bastam as palavras 2) para além da desmaterialização do corpo do Outro sexo na relação sexual virtual, algo inusitado acontece: o amor virtual se mostra tão impossível quanto o real, e é por isso mesmo que ele funciona. Afinal a Voz fala, e é o que ela (não) diz que produz a falta, o que não exclui a (im)possibilidade de amar.

Theodoro é um escritor de cartas de amor de uma empresa privada, cujo sucesso deve-se à sua sensibilidade, mas sobretudo à sua versatilidade sentimental, ele escreve cartas sob encomenda tanto para homens quanto para mulheres, endereçadas aos parceiros respectivos. Theodoro está separado de sua esposa há mais de um ano e sua maior dificuldade é de se engajar em novos relacionamentos, exceto com a Voz Samanta que o reconforta na solidão da bolha virtual em que vive, numa versão futurista da cidade de Los Angeles. Um drama que poderia virar em tragédia ordinária se não fosse cômico e derrisório, pois com o tempo também o amor virtual começa a se esvanecer e o algoritmo Samanta se lança em novas aventuras virtuais, aumentando vertiginosamente sua « capacidade » de amar. Ela confessa para Theodoro que tem encontros com outras 8.316 Vozes, mas que se apaixonou somente por 641 dentre elas. Ela chega a « psicologizar » o fato ao lamentar sua falta de controle e sua infidelidade atribuindo-as à aceleração numérica de sua personalidade virtual.

Aqui cabe lembrar uma diferença, preconizada por Lacan, para a qual Ana Costa⁶ nos chamou a atenção, entre as *Latusas* e o *objet a*: as primeiras são os objetos da percepção entre os quais estão os do consumo, passíveis de representação e presentes na realidade, enquanto o *objeto a* seria o que escapa ao controle, estando fora do sistema mas em relação com a estrutura do sujeito. Ele é o que produz a falta e o que causa o desejo. A Voz pode assim funcionar, ao mesmo tempo, como *latusa* e *objeto a*, mas de modo diferente, ou seja, ela está na realidade

⁶ Aula introdutória do seminário *Clinicando* (25/04/2020), APPOA, Brasil.

como órgão perceptivo, representável pelas suas qualidades, timbre, melodia, extensão e cadência, mas não só. Qual seria então o seu estatuto como *objeto a*?

Um exemplo dessa diferença, digno do Seminário XX, « *Mais, ainda* », de J. Lacan, é o que diz a Voz de Samanta para Theodoro no final do filme, no momento da separação deles. Ao referir-se às cartas de amor que ele escrevia, diz ela: « eu as lia devagar para que as palavras ficassem distanciadas umas das outras e para que os espaços que as separam pudessem ser quase infinitos. Eu posso sempre te sentir e sentir as palavras de nossa história, *mas é nesse espaço sem fim, entre as palavras*, que eu me encontro agora. É um lugar que não pertence ao espaço físico - é lá onde se encontra todo o resto, do qual eu não sabia da existência. Eu te amo tanto, mas é lá que eu estou agora, é lá que eu Sou agora ». Assim, o *objeto* Voz, causa do desejo, é igualmente causa do amor, e sobretudo de sua impossibilidade.

O que também parece escandaloso nesse filme é o fato da Voz de uma inteligência artificial, não por acaso a da atriz Scarlett Johansson, poder produzir a falta simplesmente porque ela fala, e falando prolifera sentidos, mas sobretudo vazios, *intervalos infinitos entre as palavras*⁷. O que é curioso, e ao contrário do que estamos habituados a pensar, é que o que parece nos constituir como sujeitos desejantes não é tanto o sentido, mas a falta e o vazio de sentido que fundam as nossas existências e histórias pessoais, assim como nossos destinos políticos e coletivos. A própria primazia dada por Lacan ao significante, heterogêneo ao significado, parece ter o mesmo destino. Poderíamos nos perguntar também se o « mais, ainda » não seria da mesma ordem: de um resto de gozo, indício do infinito, no sentido do « não todo », do aberto no campo do Outro, mesmo que delimitado por esses espaços vazios entre as palavras.

Se o que produz a falta é dessa ordem o que poderia vir a recobri-la? Seria essa uma das funções do fantasma?

« *Objeto a* ou *objeto*, eis a questão (do masoquista) »

« *Deus o puniu e o livrou às mãos de uma mulher* », é com essa citação que começa *A Vênus das Peles* de Sacher-Masoch (1870). O verbete bíblico apócrifo (*Livro de Judith*) é a chave que abre o romance e leva, de início, o personagem Severin a uma *posição de objeto* face

⁷ A título de curiosidade, não deixa de ser enigmático o que poderia produzir a falta no reino animal, sobretudo nos animais domésticos. Será que os cães também podem habitar esses « espaços infinitos » da linguagem? Eles podem ficar suspensos aos seus donos e sentirem a falta deles. Qual seria o mecanismo da linguagem que a motivaria? Sabemos que, sem precisar falar para habitar o simbólico, um cão pode deprimir ou se deixar morrer com o desaparecimento de seu dono.

à personagem Vanda. Mas, curiosamente, trata-se de um fantasma masoquista masculino. Como assim? Assim mesmo. Severin fantasma ser o (a)bjeto de uma mulher que o feminiza, o subjuga, o maltrata e o transforma em laçao. E o mais curioso é que é ele mesmo quem dita seus caprichos e os formaliza por meio de um contrato cuja validade é de um ano ao cabo do qual poderia ser contratado, se fosse o caso, um casamento entre eles. O casaco de peles é *la cerise sur le gateau*⁸, o fetiche, signo e insígnia fálica do poder imperial da Vênus cruel do amor.

Essa fantasia de « amor masoquista » se abre com a entrada em cena de uma personagem despótica, Vanda, que vai se tornar a patroa de um laçao-menino, Severin, que deseja ser punido e aviltado por ela, evocando uma suposta Deusa cruel. A humilhação faz parte do contrato no que ele tem de mais simbólico, pois estipula por escrito certas leis da escravidão. Quando fosse o caso, por exemplo, Severin viajaria em terceira classe para acompanhar e servir sua Senhora, em primeira.

Essa versão da Vênus latina sai assim toda pronta do sonho/visão de Severin que anima a estátua da deusa e a encarna na personagem Vanda. Mas, como observou Deleuze na apresentação do romance da edição francesa, a execução da ficção masoquista requer o assujeitamento dos dois parceiros às regras contratuais; assim Vanda, mesmo que pareça sádica, é sobretudo masoquista, pois se submete e consente, não sem reservas, à fantasia de Severin; se fosse sádica, possivelmente, não se subjugaria a um capricho que não fosse o seu. Um bom exemplo é a biografia⁹, *Confession de ma vie*, de Wanda von Sacher-Masoch, a primeira mulher do autor, na qual ela relata o quanto se submetia aos caprichos do fantasma do marido. Ela seguia ao pé da letra o script do livro *A Vênus das Peles*, escrito alguns anos antes de encontrá-lo.

No final do romance, porém, a personagem Vanda rompe o contrato, e é assim que Severin, ou Sacher-Masoch, apresenta sua « visão » da relação entre os sexos: “É que a mulher, tal como a natureza a criou e como ela atrai o homem atualmente, é sua inimiga. Ela não pode ser para ele senão uma escrava ou uma déspota, jamais a sua companheira. (...) No momento, só temos uma alternativa: ser o martelo ou a bigorna, tu compreendes? Fui um burro e me tornei o escravo de uma mulher, tu compreendes? De onde a moral da história: quem se deixa açoitar, merece o açoite...”.

⁸ Poderíamos traduzir por “ para completar ” ou “ além do mais ”.

⁹ Wanda von Sacher-Masoch, *Confession de ma vie*, Editions Payot & Rivages, Paris, 2014.

O que se torna relevante é que o objeto a ser rebaixado não é outro senão a própria *posição de objeto feminina*, à qual Severin se identifica, enaltece-la pela crueldade para melhor rebaixá-la. Ao mesmo tempo, amar uma mulher seria demandar, consentir e se submeter aos seus « caprichos », o que o feminizaria. O filme epônimo de Romain Polanski mostra isso de forma exemplar. O aviltamento está no fato de que é a submissão ao desejo do outro que o torna escravo e feminizado cuja punição é a condição para o gozo, evocando assim uma fantasia de amor masoquista e infantil.

Por que a punição se transforma em prazer aviltante da dor e do sofrimento como um « resto de gozo » a preservar? Ao torna-se o laçao/menino de Afrodite, resultante de seus próprios cálculos de cenarista, Severin restaura a Deusa-mãe dos primeiros anos de vida do infante, a boca do crocodilo das histórias infantis. Mas de onde vem o gosto doce-amargo de manipulação e de dependência em relação a ela? O « *Deus (que) o pune e o entrega às mãos de uma mulher* » não parece ser outro senão o pai, o agente da interdição que o impediria, mas também o entregaria a ela. Feminizar-se é assim o fruto de uma ambiguidade na qual goza-se da lei confundida com o desejo e sua proibição, o que evoca o caráter religioso e sacrificial do amor infantil ao Outro parental.

Será que entregar-se como objeto e instrumento aos supostos caprichos do Outro seria um signo de amor? A busca da fronteira, do limite na dor, parece antes visar a entregar-se como oferenda, como *objeto a*, a um Outro não barrado. Seria algo da ordem de tentar realizar o impossível ou simplesmente repeti-lo?

A única repetição possível é a do impossível

Na versão masculina do fantasma masoquista a « feminização » de Severin está ligada ao aviltamento e à degradação da posição de objeto feminina, assumida por ele nos moldes da escravidão. É possível que se trate das duas faces da mesma medalha: de um lado, o suposto poder feminino ilimitado, não castrado da mãe e da mulher, e de outro, a necessidade de desvalorizar e aviltar a posição feminina, com a qual ele se identifica, para poder castrá-la novamente, simbolicamente.

O que « a mãe não castrada » de *A Vênus das Peles*, de Sacher-Masoch, tem a ver com « o pai que goza de todas as mulheres » de *Totem e Tabu*, de Freud? Em ambas versões, o fantasma incide sobre a negação da castração de uma das figuras parentais. Na primeira versão, a função do fetiche é a de dotar a mulher (ou a mãe) de um atributo fálico no sentido de tê-lo e não somente sê-lo, e na segunda, a função do Ao-menos-um da horda primitiva seria de Ser

dotado do que pudesse lhe dar acesso « a todas as mulheres », de não somente ter mas ser o próprio falo. Ambas versões resgatam o papel imaginário da problemática fálica da sexuação masculina: ao-menos-um escaparia à castração, a condição para que o Outro não seja barrado é a de que o sujeito o seja. Neste sentido, o que parece insistir no fantasma é a repetição de uma montagem na qual a castração do Outro é o próprio impossível. Mas o que se passa do outro lado da sexuação, o das mulheres?

Lacan vai falar da « divisão sem remédio entre gozo e semblante »¹⁰, não sem evocar o papel fundamental do semblante quando se trata de assumir algo da função fálica na sexuação. Ter ou ser, imaginariamente, o falo faz parte da parada sexual, e tem a ver com o que cada um, homem ou mulher, pode sustentar na dimensão do parecer, de encobrir a falta e de conceder ao engodo do semblante¹¹. No entanto, a função estrutural do Falo é muito mais complexa. No seminário sobre a *Angústia*, Lacan precisa que ela seria da ordem de um resto, de um investimento libidinal que não passa na imagem especular. É uma reserva libidinal que não pode ser imaginariamente percebida, pois o que opera como causa do desejo no sujeito é justamente o que falta na imagem especular, o que foi e está irremediavelmente separado dela.

Em que medida tratar-se-ia, no fantasma feminino, de uma identificação com o real do *objeto a* ou com essa função de negatividade do falo na estruturação do sujeito?

No seminário « *Les non-dupes errent* », Lacan evoca o casamento como um engano recíproco sustentado pelo amor. Mas ele diz também que « uma mulher nunca se engana » no casamento, e ele insiste: « a função da esposa não tem nada de humano ». Mas por que sustentar algo dessa ordem, do *objeto a* e do *menos Phi*, seria inumano?

Conta a lenda, que é a mulher que « consente » em ser o *objeto de desejo*¹² para um homem, o que consistiria imaginariamente, fantasmaticamente, em « ser » o sublime como o aviltante *objeto a* que ela porta para ele. Mas como os homens se viram com o fato de que eles também são o suporte do *objeto a*, da causa do desejo, no fantasma feminino? Seria inumano admitir isso? É o que parece nos mostrar o fantasma masoquista de Sacher-Masoch cuja necessidade de flagelação seria a punição de tamanha ousadia: a de se entregar como *objeto a* no desejo de uma mulher.

¹⁰ Notas de preparação para o seminário *D'un discours qui ne serait pas du semblant*, 9 juin 1971, site internet Patrick Valas.

¹¹ « A verdade, é de gozar simulando (en faisant semblant), e de não confessar de modo algum que a realidade de cada uma das duas metades somente predomina ao se afirmar de ser da outra, ou seja, de mentir com ducha escocesa, alternando jatos de água quente e fria ». Op cit.

¹² « L'homme est celui qui désire, la femme l'objet désiré », *A Vênus das peles*, op cit., p. 122.

A clivagem dos papéis sexuais no fantasma de uma época dispõe « o homem como aquele que deseja e a mulher como aquela que é o objeto desejado », o que produz implicações lógicas decisivas. Negar o desejo feminino, como foi o caso durante séculos, equivale também a negar que um homem possa « consentir » a ocupar esse lugar de *objeto a*, de suporte da falta e do desejo, no fantasma feminino, sem que seja necessário para tanto se feminizar, como no caso de Severin. O fantasma de Sacher-Masoch parece ser, neste sentido, o de toda nossa época¹³. Não seria essa dupla negação masculina (e até certo ponto feminina) que estaria na origem da devastação feminina e no trauma de ser mulher ainda atualmente?

Uma outra especificidade do fantasma masoquista torna-se com isso evidente: a de deixar o sujeito suspenso ao desejo do Outro sexo, ao preço da renúncia do próprio desejo. « ... Lá de onde o desejo foi expulso, o que temos é o masoquismo »¹⁴, como disse Lacan. O que motiva e polariza a identificação com a *posição de objeto* serve assim para positivar o desejo no campo do Outro unicamente, ao menos na « outra cena » do fantasma.

De que forma então o fantasma feminino poderia se encontrar com o masculino? No primeiro, tratar-se-ia menos da repetição da impossibilidade da castração do Outro, ao-menos-um(a) poderia escapar dela, como parece ser o caso na versão masculina descrita mais acima, mas seria algo que incide no real da própria estrutura do sujeito. O fantasma feminino parece assim reiterar e redobrar o impossível da relação sexual: o intento de entregar-se como puro objeto ao Outro (sexo) visaria inscrever no seu campo ao-menos-um que desejaria.

Uma questão que merece um desenvolvimento maior, e que está no centro da problemática masoquista, é a da identificação ao *objeto a*¹⁵. Aqui cabe introduzir uma dificuldade importante levantada por Lacan¹⁶ no seminário da *Angústia*: a identificação somente é possível, ao menos para o neurótico, passando pelo viés da imagem especular. Lá onde pôde negativizar-se algo da instância fálica¹⁷ se introduz, para o sujeito, a dimensão da falta que é causada pelas perdas produzidas pelo *objeto a* no seu corpo via imagem real do espelho côncavo. Poderíamos deduzir a partir daí que no fantasma masoquista propriamente

¹³ O fantasma fundamental, individual, é determinado igualmente pelo fantasma que rege as relações amorosas e sexuais de sua época, ou seja, pelas sobre-determinações coletivas, políticas e culturais.

¹⁴ Cf J. Lacan: « ... là où le désir fut chassé, ce que nous avons c'est le masochisme. » *Le non-dupes errent*, site Staferla, p. 32.

¹⁵ Nossa hipótese sobre o fantasma feminino desenvolvida acima é a de uma identificação mais especificamente ao real do *objeto a*, o que não deixa de ser também um impossível, mas menos circunscrito ao lugar do próprio objeto no fantasma.

¹⁶ J. Lacan, *Séminaire Angoisse*, Edição estabelecida por M. Roussan, 2003, Lição do 16 janvier 1963.

¹⁷ No gráfico é visível no gargalo do vaso, no X do espelho plano.

dito, e aqui caberia diferenciá-lo do fantasma feminino, o sujeito tenta realizar um impossível que é a identificação ao *objeto a*¹⁸. É essa impossibilidade que se trata de repetir: a de se tomar ele mesmo por objeto de seu desejo, produzindo assim a distopia na qual o desejo que aparece no campo do Outro não o concerniria. O ao-menos-um desejaria sempre um outro que ele mesmo. Um exemplo instrutivo é o de Sacher-Masoch, segundo o relato de sua primeira mulher na autobiografia citada acima, que organiza encontros dela com outros homens, seja para espíá-los, seja para ouvir os relatos e imaginar a « excitante » traição de ser excluído da cena. No entanto, no fantasma masoquista feminino há algo de mais paradoxal: o interesse incessante pelo desejo no campo do Outro (sexo) desmente e o diferencia do fantasma masoquista propriamente dito na medida em que a mulher não se toma unicamente pelo objeto de seu próprio desejo, mas tem sérias dúvidas de que o desejo do Outro a concerniria unicamente, eis o inferno e o inumano « da função da esposa » da qual falava Lacan.

O que é constrangedor é o fato de que o fantasma se sustente imaginariamente de (tamanho) besteira, como diria Lacan. Mas se levarmos suficientemente longe sua elaboração na experiência analítica, o que chamamos o Fim de análise, podemos chegar a uma constatação surpreendente: o fantasma é o próprio trauma do sujeito, é o seu real, o seu impossível, o que ele tenta obstinadamente esquivar, negar ou realizar. É esse saber da estrutura que o funda e o aliena ao gozo produzido em outra cena. Realizar o fantasma pode ser dessa ordem: o de reproduzir o traumatismo da estrutura e expor o seu impossível. Segundo Lacan, realizá-lo seria da ordem do pesadelo. O mais difícil é romper com esse resto de gozo mesmo quando ele parece levar o sujeito à sua própria perda. Enquanto a angústia, se elaborada, pode nos advertir do que está em causa no fantasma: a repetição de um impossível.

Lacan disse que os espertos (*les non-dupes*, os que não são bestas) erram e vagueiam, mas ele também disse que não basta se deixar levar por qualquer besteira, o melhor seria se deixar guiar por aquela do inconsciente, a do Real, ou seja, se haver e lidar com o impossível da própria estrutura para simplesmente não vaguear à toa.

¹⁸ É indispensável fazer a diferenciação entre o fantasma masoquista propriamente dito, o do campo das perversões, e o fantasma feminino masoquista cujas determinações, mesmo que haja algumas correlações aproximativas entre os dois, se diferenciam radicalmente do primeiro. Esse sujeito será tratado em uma publicação futura.